

## LITERATURA RELIGIOSA NAS TRINCHEIRAS: O "MANUAL DE ORAÇÕES DO SOLDADO BRASILEIRO"

ADRIANE PIOVEZAN

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

### RESUMO

---

Levar consigo uma oração, imagem religiosa ou Bíblia era comum entre os soldados no front. Na Primeira Guerra Mundial (1914-1919) a distribuição de material religioso para os combatentes foi realizada pelos exércitos de ambos os lados do conflito. Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) essa prática não foi descartada, e ao contrário, a confecção e distribuição de material religioso específico para a guerra foi aprimorada. No caso brasileiro, com o envio da FEB (Força Expedicionária Brasileira) para a Itália em 1944 para lutar ao lado dos aliados nesse conflito não foi diferente. O "Manual de Orações do Soldado Brasileiro" se insere nesse universo de material de literatura religiosa. Carregado pelos indivíduos que iriam combater como forma de apoiar sua fé essa compilação de orações abordava diversos aspectos presentes naquele contexto. Entre estes destaca-se a posição do soldado frente a iminência de sua própria morte, a questão da morte do inimigo e os procedimentos diante da morte de seus companheiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manual de Orações; morte; Segunda Guerra Mundial.

### ABSTRACT

---

Take with a prayer, religious image or Bible was common among the soldiers at the front. In World War I (1914-1919) the distribution of religious material for combatants was carried out by the armies of both sides of the conflict. With World War II (1939-1945) this practice was not ruled out, and instead, the preparation and distribution of specific religious material for war has been improved. In Brazil, with the sending of the FEB (Brazilian Expeditionary Force) to Italy in 1944 to fight alongside the allies in this conflict was no different. The "Brazilian Soldier's Prayer Manual" falls within that religious literature material universe. Uploaded by individuals who would fight as a way to support their faith this compilation of prayers addressed various aspects present in that context. Among these there is the soldier front position the imminence of his own death, the question of the death of the enemy and the procedures before the death of his teammates.

**KEYWORDS:** Prayers Manual; death; World War II.

## Introdução

O cristão sempre deve estar preparado para a morte. A oração antes de dormir e orações para não ter uma morte súbita<sup>1</sup> eram muito comuns, mesmo entre soldados: "na hora do perigo todos os homens rezam"<sup>2</sup>, porque se deseja estar preparado para a morte. Aqueles momentos anteriores ao desfalecimento total, no qual ainda se pondera na consciência quais ofensas podem ter sido cometidas em relação ao conhecimento da verdade são considerados muito importantes. Num conflito armado, em uma guerra, a iminência da morte estimula mais ainda essas orações.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as orações rezadas pelos soldados ou seus parentes eram variadas. Muitas vezes, os combatentes recebiam instruções religiosas já no front, acompanhadas de orações específicas; da mesma forma, outras eram recebidas pelos familiares antes do embarque para a guerra. Em todas as orações a questão da morte não é explicitada, mas o perigo da mesma surge com a presença constante de palavras como "choro", "tremor" e "rezar".

Elementos importantes desta religiosidade particular, específica dos combatentes em situações de guerra, podem ser analisados a partir do exame dos Relatórios Individuais do Pelotão de Sepultamento da FEB (Força Expedicionária Brasileira). Neles, encontram-se, a partir da descrição do que os mortos carregavam consigo na hora de seu desencarne, dados a respeito de suas crenças, de seus medos, e de uma privada e específica relação com a morte, testemunhada sempre de maneira tão próxima em um contexto de guerra.

Estes relatórios procuravam detalhar as condições nas quais o corpo do soldado morto foi encontrado, sua localização, a data da morte (ainda que aproximada, caso não se tivesse certeza) bem como os objetos encontrados junto ao cadáver. De 440 relatórios estudados<sup>3</sup>, em mais da metade foi possível determinar a causa da morte: sempre de forma violenta e em decorrência da ação inimiga.

Outros tipos de causa morte nesse contexto, acidente de jeep, afogamentos, disparos acidentais de armas de fogo, doenças, etc, foram a minoria entre os 467 mortos brasileiros da FEB. Estes, geralmente em período de folga, não levavam nenhum objeto religioso no momento em que faleceram. Outro cenário se apresenta entre os que efetivamente morreram em batalhas, a presença desses itens religiosos é constante.

Analisando-se os dados coletados conclui-se, por exemplo, que mais de 60% portavam apenas uma oração consigo. Eram todos soldados da infantaria, com duas exceções. A primeira é do 3º. Sargento José Martins Dias, morto em Valdibura, de causa não determinada e que pertencia ao Batalhão de Saúde. A segunda é a do soldado Waldemar Santos, morto em Porretta Terme por ter

<sup>1</sup> *Catecismo da Igreja Católica*. 3ª. ed., Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

<sup>2</sup> SNAPE, Michael. *God and the British Soldier: Religion and the British Army in the Era of the Two World Wars*. New York: Routledge, 2005, p. 47.

<sup>3</sup> PIOVEZAN, Adriane. *Morrer na guerra: instituições, ritos e devoções no Brasil (1944-1967)*. Curitiba: UFPR, Tese de doutorado em História, 2014.

sido atingido por estilhaços de granada no tórax e cabeça. Ele pertencia ao Batalhão de Engenharia. Parece claro que, ainda que não fosse sua função primeira, ambos desempenhavam tarefas típicas da infantaria na linha de frente.

Há ainda um interessante exemplo no extremo oposto, ou seja, de um soldado portando 13 orações ao morrer. Trata-se do 2º. Sargento José Pessoto Sobrinho. Esse soldado, especificamente, portava, quando de sua morte, quarenta e duas medalhas religiosas, dentre outros tantos objetos cristãos.

Muitas dessas orações tinham uma temática especial, como uma data comemorativa. Exemplo disso eram orações distribuídas na Páscoa de 1945. Se a portabilidade dessas orações era uma grande vantagem para o cristão que a carregava consigo, outro objeto também encontrado em alguns corpos de soldados brasileiros mortos não tinha esse atrativo. O "Manual de Orações do Soldado Brasileiro" foi encontrado em dois cadáveres de soldados mortos durante a Segunda Guerra Mundial na Itália. Possuía 78 páginas, bastante maior, portanto que as simples orações comumente encontradas nos cadáveres, ainda que se tratasse de uma publicação reduzida, se comparada com outras publicações semelhantes: o *Orae*<sup>4</sup>, um manual completo de orações e instruções religiosas do mesmo ano, tinha 432 páginas.

O soldado Francisco Gomes de Souza tinha um manual de orações no momento em que foi morto por estilhaços de granada de morteiro em Sobrassal, no dia 22 de dezembro de 1944. Com 25 anos ele era natural de Orlandia São Paulo. A mesma idade tinha o terceiro sargento Paulo Araújo, que também levava um Manual de Orações quando foi atingido no crânio no dia 4 de Janeiro de 1945 em Porretta Terme.

Ainda que de maneira improvisada no começo da guerra, e seguindo modelos por vezes copiados de outros países, a FEB instituiu determinadas práticas religiosas entre os soldados, estipula formas de guarda e enterramento dos corpos, e uma burocracia específica para o trato dos soldados mortos. Consequência destas práticas, a ação dos padres no front enfatizou a necessidade de consolidar aspectos da religiosidade católica, com missas, sermões, bênçãos, comunhões, crismas junto aos soldados, além de funções e rituais religiosos de assistência aos moribundos. E, com isso, o Manual de Oração do Soldado acabou chegando às mãos dos combatentes brasileiros na Itália. A análise deste manual, bem como de seus contextos de uso – inclusive a sua presença entre combatentes mortos – revela muito das concepções dos soldados brasileiros do período a respeito da iminência de sua própria morte, da questão da morte do inimigo, além dos procedimentos diante da morte de seus companheiros.

Para discutir estas questões, o presente artigo apresenta a estrutura do "Manual de Orações do Soldado Brasileiro", destacando a especificidade de um texto religioso produzido para combatentes em um contexto de guerra. A seguir, discute as implicações dos usos deste Manual pelos febianos

---

<sup>4</sup> ORAE. *Manual completo de orações e instruções religiosas*, Lisboa: Ed J Steinbrener, 1939.

considerando-se, especificamente, a ideia da morte, sempre presente. Trata, num terceiro momento, da relação deste Manual com a presença de outros objetos devocionais, que faziam parte do cotidiano do soldado. E, por fim, apresenta as conclusões gerais e possibilidade de estudos futuros.

## O “Manual de Orações do Soldado Brasileiro”

Desde a Idade Média, quando as orações ainda eram manuscritas, era popular a ideia de que a leitura do Ofício dos Mortos presente no Livro de Horas pudesse auxiliar o moribundo a alcançar a salvação de sua alma. Até o século XV, a leitura deste manuscrito era enfatizada tanto para o indivíduo conhecer antecipadamente as orações e procedimentos diante da morte, como para que os outros cristãos o lessem e auxiliassem a alma do moribundo na sua chegada ao além. Segundo Wieck<sup>5</sup>, no Ofício dos Mortos o tema retratado é o funeral religioso, no qual ocorria a leitura do Ofício, mas outros elementos dos rituais de passagem do indivíduo também eram mencionados, como seus últimos momentos no leito de morte, a preparação do corpo e o sepultamento.

O “Manual de Orações do Soldado Brasileiro”, por sua vez, insere-se nesta tradição religiosa mais ampla dos manuais de oração, que serviam para relembrar aspectos da catequese e, muitas vezes, constituíam-se como a única catequese na experiência de muitos, principalmente aqueles que viviam em regiões mais desassistidas pela instituição católica.

Publicado pela Editora Vozes, o “Manual” foi organizado pelo Major Cláudio de Paulo Duarte da União Católica dos Militares em junho de 1944. Já na capa da publicação, ao invés do símbolo do Sagrado Coração de Jesus, da Virgem Maria ou de qualquer outro elemento religioso comum aos demais manuais de oração, neste encontramos o brasão da República do Brasil e a inscrição do Ministério da Guerra. Tais aspectos destacam o momento de exceção em que se encontrava o usuário do manual – uma guerra mundial – além de ressaltar a presença da pátria e de sua instituição, o Exército, mesmo se tratando de um objeto para fins religiosos.

A informação contida nessa publicação é predominantemente textual. Apenas na quarta página é que aparece a primeira ilustração religiosa do manual, com a representação do sacrifício de Jesus crucificado, acompanhado da inscrição em latim *Pontifex Amoris Victima*.

A primeira oração que aparece tem o título de Orações Diárias, e é acompanhada de uma iluminura no início da página com um Arcanjo. Já na primeira frase aparecem menções à posição de quem lê o manual, o soldado, e à sua missão, no caso salvar a Pátria, além da situação em que se encontra, a ameaça de morte. Neste sentido, a oração inicia com pedidos, e no final destaca a posição de soldado e militar, justificando com isso o tom sucinto das orações, já que não possuem tempo para longas leituras por conta de sua missão.

---

<sup>5</sup>WIECK, Roger S. *Painted prayers: The Book of Hours in Medieval and Renaissance Art*. New York: George Braziller, 2004, p. 124.

Antes da ilustração com o Sagrado Coração de Jesus, que está à página 6, existe ainda um parágrafo para reafirmar que, em havendo tempo, repouso e calma entre as lutas, o soldado deve recitar as orações que se seguem. O "Manual" apresenta, portanto, adequação às circunstâncias, pois sabe que inútil seria orientar o soldado a realizar todas as indicações ali contidas numa situação sem rotina previsível. Essas advertências revelam as circunstâncias nas quais o texto foi produzido e o efeito que o mesmo pretendia junto ao seu leitor;

Em uma biografia sobre o Capelão Frei Orlando<sup>6</sup>, e em outras memórias de ex-combatentes, os serviços e atividades religiosas são lembradas pela adaptação aos momentos em que era permitido realizar uma atividade com este intuito. Mesmo aspectos da liturgia e sacramentos religiosos não seguiam rigorosamente os trâmites normais. O front não tinha igreja, o altar era improvisado, e inclusive batismos e outras funções religiosas eram condensados ao máximo, porque a missão ali era lutar e estar atento aos possíveis ataques do inimigo.

Na oração da manhã, aparece a Oração do Soldado, em que se invoca a Virgem Conceição Imaculada. Em 1928 Aparecida havia coroada a padroeira do Brasil, portanto sua devoção era notória no período. A relação entre Nossa Senhora Aparecida e as Forças Armadas acabou se estreitando com o passar dos anos, tanto que, na atualidade, o próprio "Manual de Orações do Soldado" foi substituído pelo Ofício da Imaculada<sup>7</sup>, totalmente dedicado ao culto de Maria.

Seguindo à Oração da Manhã encontra-se a Oração da noite, e ambas fecham com orações do Pai Nosso, da Ave Maria, e o Glória. Ainda encontram-se o Ato de Contrição, o Salve Rainha, a Confissão e, novamente, o Ato de Contrição. Essas e outras orações aparecem novamente no Capítulo Sacrifício da Missa, que segue as orientações normais dessa celebração de forma reduzida.

Na página 16 do "Manual de Orações" aparece o subtítulo "Verdades principais a crer". Neste trecho, o manual torna-se uma síntese de livros de catequese, em que a onipotência de Deus é enfatizada e a Santíssima Trindade é apresentada. Logo a seguir aparecem os Mandamentos, ou seja, uma consolidação dos ensinamentos católicos pela repetição do catecismo ou, como várias memórias de capelães insistem em afirmar, a apresentação dos preceitos católicos para os soldados que jamais fizeram a catequese.

Uma vez que o interesse do presente artigo se refere à questão da morte, é importante destacar que no trecho denominado "Novíssimos do homem", logo após a apresentação dos Mandamentos, o primeiro item diz respeito à morte na seguinte frase: "Morte – Todos nós um dia havemos de

<sup>6</sup> PALHARES, Gentil. *Frei Orlando: o capelão que não voltou*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1982.

<sup>7</sup> O Brasil participa desde 2004 de uma missão de paz da ONU no Haiti. A ação espiritual ocorre em nível institucional neste contexto. Em janeiro de 2013, o Batalhão de Infantaria de Força de Paz do Haiti recebeu material religioso para seus soldados. Consta que o material era composto por terços e exemplares do livro "Ofício da Imaculada".

morrer". Em seguida, existe o segundo, terceiro e quarto do Novíssimo em que aparecem, respectivamente, o Juízo, o Inferno e o Paraíso. Nesta passagem, percebe-se o destaque para a ideia do bem morrer, além dos castigos ou recompensas relacionados com a boa morte, tanto do indivíduo ou como a perpetrada por ele num conflito.

Novamente, o tom de catecismo retorna ao "Manual", em que duas páginas são destinadas aos Sacramentos, terminando com uma oração do Creio. Ainda encontram-se outros Atos típicos do catecismo descritos no Manual como o Ato de fé, Ato de Esperança e o Ato de Caridade.

O tom didático da publicação é reforçado no subitem "Algumas outras verdades", em que são apresentados, sob a ótica do catolicismo, ideias como a de virtude, vício, pecado, inveja, preguiça, etc. No final deste capítulo, a "Regra do bem viver" inicia com todas as exortações comuns aos católicos, como obedecer aos mandamentos e sacramentos. No último parágrafo, a Pátria reaparece, no trecho: "Pede a Deus pelo Brasil, pela esposa, pais, filhos, pela vitória, pela paz com justiça e pela Igreja".

Aqui percebemos que a missão do soldado é constantemente lembrada para o cristão que lê o "Manual de Orações". Seus atos na guerra são também lembrados na passagem: "Tiveste a desgraça de pecar gravemente". Afinal que soldado não matou outro numa guerra? Mas o texto continua: "Faze logo o ato de contrição, pede perdão e logo que possas, corre a um Padre e confessa-te. Louvado seja Deus". Percebemos que a necessidade da assistência dos religiosos é enfatizada no Manual, como um auxiliar indispensável para que tais preceitos do catolicismo fossem devidamente cumpridos num contexto de guerra. Novamente, o texto reafirma a posição de quem será o leitor desse manual, indicando ao mesmo as possibilidades de leitura desse texto.

Entre as atividades que os capelães exerciam no front italiano, sem dúvida ouvir as confissões estava entre as mais buscadas pelos devotos. Embora sem uso de confessorário e em situações diversas, encontramos depoimentos de busca deste sacramento pelos soldados no front. Um capítulo inteiro do "Manual de Orações" é dedicado a discutir a Confissão e a orientar o indivíduo sobre como realizar uma boa confissão católica. Trata-se de um esquema de possíveis perguntas referentes ao comportamento do cristão, para que ele faça as indagações e confesse a partir deste esquema seus possíveis pecados. Nas palavras do "Manual", um exame de consciência que o soldado deveria realizar, seguido da oração do ato de contrição, tantas vezes repetido no Manual, para a absolvição dos pecados. A urgência em cumprir a penitência instruída pelo sacerdote, e a importância de receber o perdão total pelas faltas, são destacadas no texto, ainda que em um contexto não ideal para tais práticas. Exemplo disso são as indagações no final da página 27, como "Cumpreres as ordens recebidas pelos superiores?" e a seguinte "combates com decisão pela Pátria?".

Aspecto relevante e de destaque é o Sacrifício da missa e da Comunhão<sup>8</sup>. Tais práticas receberam ao todo 8 páginas dedicadas ao assunto na publicação

---

<sup>8</sup> Outros manuais de oração, como o *Orae*, em sua edição de 1939, apresentam destaque semelhante. De acordo com FLECK e DILLMANN, os manuais de oração "orientavam os leitores a como proceder para garantir salvação da alma" (FLECK, E.; DILLMANN, M. "A Vossa graça nos

especial para o soldado em guerra. A Comunhão, outro sacramento católico bastante enfatizado, neste momento também é descrito com detalhes.

Encontramos, porém, um adendo específico para a situação na qual se encontravam os leitores deste "Manual". Trata-se do item "Para receber a sagrada comunhão fora da Santa Missa". Tais práticas ocorreram em diversos momentos durante a Campanha Brasileira na Itália e alguns ex-combatentes relataram esta prática em suas memórias. É na página 40 do "Manual" que encontramos mais um aspecto relevante para nosso enfoque sobre os comportamentos diante da Morte neste contexto de Guerra. Refere-se ao item "Ato de Aceitação da Morte".

O caráter de sistematizar as orações e destacar apenas o essencial é evidenciado neste momento do "Manual de Orações". Se compararmos com outros Manuais de Oração do período, percebemos que há uma redução drástica nesta passagem. Enquanto em um manual como o "Orae" o Ato de Aceitação da Morte tem oito itens divididos em seis páginas – compostos pelo Ato de fé, Ato de Esperança, Ato de caridade e arrependimento, Ato de conformidade, Súplica a Maria, Súplica aos Santos, Súplica a Jesus, Súplica a Maria mãe dos agonizantes –, no "Manual de Oração do Soldado" trata-se apenas do Ato de Conformidade, em apenas duas páginas, seguidas pelo item "Assistência aos Moribundos".

E mesmo no trecho em que ambas as publicações são semelhantes, ou seja, na reprodução do Ato de Conformidade da morte, no "Manual do Soldado" a súplica é mais sintética. Apenas se diz que "aceito desde já de vossa mão, com todos os sofrimentos, penas e dores, o gênero de morte que vos aprouver me reservar". Enquanto no "Orae" os termos sacrifício e resignação são repetidos, no texto escrito para a Guerra estes termos não aparecem neste momento. E, no caso específico do Manual, a ideia de sacrifício aparece ligada à ideia de Pátria.

Neste ponto, notamos que o uso de determinados termos são comuns no Ocidente em referência aos mortos em Guerra. Segundo a "Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer"<sup>9</sup>, nos monumentos fúnebres certos termos são usados para se referir aos que morreram em guerra. Destes, a maioria fala em soldados que "tombaram" e não "morreram". Já o vocábulo "sacrifício", aparece sempre no contexto em que os homens foram enviados para se "sacrificarem" e não "matarem" outros homens. De toda forma, o matar em guerra não é mencionado no "Manual de Orações". Sutilmente a ideia de que isso pode ocorrer aparece em alguns trechos, mas sempre envolto na questão da dor que seria, para o cristão, tirar a vida de outro ser humano.

---

nossos sentimentos": a devoção à Virgem como garantia da salvação das almas em um manual de devoção do século XVIII. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63, 2012, p. 83-118). O *Orae* foi escolhido como exemplo de um manual de devoção por ter sido impresso em 1936, de ampla distribuição e que pertencia a avó da autora. A dona do manual era muito católica e teve muitos conhecidos e amigos que acabaram indo para a guerra.

<sup>9</sup> HOWARTH, G. & LEAMAN, O. *Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer*. Lisboa: Quimera Editores, 2001.

Embora sucinta, esta parte da oração do Ato de Aceitação da Morte era repassado na catequese católica do período como de importância vital para a salvação do cristão. Segundo nota encontrada no "Orae", foi o papa Pio X que indicou tal oração que, lida uma vez na vida, poderia substituir o sacramento da Extrema-Unção na hora da morte do indivíduo. Seria uma indulgência dada ao papa ao cristão que fez este ato de contrição em algum momento de sua existência. Em uma situação de guerra, por mais que existam sacerdotes, a morte poderia chegar num momento em que tal assistência não existiria, por isso a importância desta indicação por parte dos capelães e a distribuição de tal material religioso.

Ainda identificando as especificidades do "Manual de Orações do Soldado" em relação com outros manuais de oração católicos do período, destaca-se a passagem referida como Assistência aos Moribundos. O caráter de ensinar o soldado a se comportar como um bom católico num ambiente hostil como o de uma guerra, faz-se presente neste trecho deste material religioso.

Nota-se neste trecho da publicação a maior referência ao inimigo na guerra: "em primeiro lugar cumpre com o dever de soldado, vence o inimigo". Após o combate, num momento de calma, segundo o Manual, aí sim entra em cena a figura do cristão: "junto ao ferido, procura aliviá-lo dos males, consola-o e conforta-o". O respeito às diferenças de religião do inimigo são colocadas neste momento. O manual se refere a duas condições: se o inimigo for católico, falar ao ferido de Maria; se não for, falar de Jesus. Mas sempre com a intenção de conseguir novos fiéis, mesmo na hora da morte, o manual também fala que em sendo o inimigo ferido protestante, além de falar em Jesus, na Paixão e na Redenção, caso o moribundo queira se tornar católico na hora da morte é possível que seja batizado enquanto tal. Para isso, o soldado deveria voltar até a página 26 para realizar um batismo em condições de combate.

Outro ponto de destaque nesta passagem é a utilização de outros objetos do sagrado para que o outro possa alcançar uma boa morte. O objeto em questão é o terço. Segundo a pesquisa da antropóloga Paola Lins Oliveira "o terço também é percebido como objeto do qual emana certo tipo de força, um poder especial que ultrapassa sua dimensão utilitária"<sup>10</sup>. Este elemento aparece no "Manual de Oração", pois o poder do terço no momento da morte deve ser "puxado do bolso", considerando que o bom cristão leva o terço no bolso. O rosário ou terço tinha um método que de um lado enfatizava as repetições de orações como a ave-maria e de outro lado também valorizava a meditação<sup>11</sup>. Depois deve ser mostrado o crucifixo presente no terço para o moribundo beijar, e coloca-lo nas mãos ou no peito do indivíduo. Estas instruções eram comuns entre os soldados católicos, e mesmo o mais famoso e célebre capelão católico em guerra, o Frei Orlando, quando percebeu que iria morrer, retirou o terço do bolso e colocou em suas mãos.

---

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Paola Lins. Circulação, usos sociais e sentidos sagrados dos terços católicos. *Revista Religião e sociedade*. Vol. 29, n. 2, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872009000200005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872009000200005&script=sci_arttext).

<sup>11</sup> Sobre o assunto ver o artigo SOUZA, Juliana Beatriz Almeida. Viagens do Rosário entre a Velha Crisandade e o Além-Mar. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*. Ano 23, n. 2, 2001, pp. 1-17.



Outros elementos como a medalha de Nossa Senhora também são elencados como objetos singulares com valor sagrado na hora da morte. Mesmo sem nada disso, ainda segundo o Manual, basta falar o nome de Jesus que "dito com amor e contrição [pode] salvar qualquer pecador arrependido e contrito". Depois disso, existe uma sequência de procedimentos a serem realizados, como rezar o rosário, dando o mesmo para o moribundo beijar. Após o terço, existe uma Ladainha de Nossa Senhora, terminando com um Oremos em que se pede novamente a salvação da alma do indivíduo.

Ainda existe no "Manual de Orações", no que diz respeito à morte em campanha, a Oração pela morte gloriosa. Esta oração está na sessão de orações diversas do Manual. O tema desta oração, como sempre, é o de colocar o soldado acima da posição de cristão. O soldado, mais do que qualquer outro cristão, teria que estar preparado para a morte. A oração para a morte gloriosa reafirma a necessidade de estar com o terço na mão e beijar o crucifixo presente no terço.

Na Oração ao Jesus Crucificado, os pedidos são para uma boa morte do soldado. Nesta passagem encontramos menção à Pátria. Novamente o termo sacrifício aparece, além do nome do país, Brasil, e também é enfatizada a presença dos objetos sacralizados nesta hora derradeira. Na página 70 essas questões aparecem como "na hora da minha morte, no ardor do combate", enfatizando o motivo da morte "Quando, pois, ó meu Senhor Jesus, em sacrifício pelo meu Brasil, os meus olhos se turvarem". O crucifixo aparece novamente: mesmo que o soldado não enxergue mais o objeto, ou não consiga alcançá-lo, tê-lo em sua mente e na oração deveria bastar para alcançar uma boa morte.

Após esta oração, existe um aconselhamento sobre como deveria ser a preparação do soldado, enquanto um católico conhecedor de sua doutrina, diante de um combate. Esta preparação consistiria de três etapas: a comunhão espiritual, a realização do sacrifício e, por último, a aceitação da morte "preparando-se para ela bravamente pelo Brasil".

O patriotismo é destacado quando se fala em morte no "Manual de Orações do Soldado". O texto sugere que a morte cristã é uma boa morte se o objetivo for a luta pela pátria. Nota-se que o nome da Pátria, no caso, Brasil, aparece três vezes no Manual. O exército, enquanto instituição que representa o Brasil, não aparece nos termos utilizados nas orações desta parte do Manual.

Já a última parte do Manual é dedicada ao culto a Caxias. Neste aspecto, percebe-se que o autor do Manual, o major Claudio de Paula Duarte, da União Católica dos Militares, buscou relacionar o exército formado para a FEB com o exército nacional regular e seus mitos e heróis.

A oração ao Duque de Caxias aparece no Manual na página 76, quase no final do manual. Com o título de Ordem do Dia do Marechal Conde de Caxias de 4 de setembro de 1851, o texto se refere ao contexto da Guerra do Paraguai. Nele são citados o governo Imperial, a Banda Oriental, o General Uribe. Tais elementos se referem à realidade daquele conflito e não possuem nenhuma relação com o contexto da Segunda Guerra Mundial, em que o inimigo era o

alemão, os soldados brasileiros estavam na Europa, vivíamos numa República, etc.

A presença da figura do Duque neste manual pode ser entendida como um reforço à tentativa do Exército em mitificar o personagem<sup>12</sup>, presente naquele momento. Tais intuítos não tiveram ressonância na FEB. Pelo contrário, a questão da unidade do Exército teve na cultura interna desenvolvida pelos membros da FEB um contraponto à construção desse culto a Caxias.

A incorporação dos militares brasileiros ao V Exército dos EUA parece ter sido o fator decisivo para moldar essa cultura particular da FEB. Conforme nota um pesquisador acadêmico estadunidense: "... tudo em volta deles era exemplo das forças americanas igualitárias com distinções nítidas quanto a quando, onde e como as cortesias militares deviam ser prestadas ou esquecidas. Separados do Brasil e diante da áspera realidade da guerra moderna a FEB logo se tornou algo muito diferente daquele exército do império"<sup>13</sup>.

## **O Manual de Orações e as concepções dos soldados a respeito da morte**

Percebe-se que o "Manual de Orações do Soldado Brasileiro" compõe uma fonte repleta de informações que permitem refletir sobre a dimensão da religiosidade dos combatentes e da instituição religiosa no período. Desta forma, é possível questionar como este objeto singular, preparado justamente para este evento de caráter mundial e inédito para o país, tem seu valor enquanto objeto sacralizado. Essa dimensão do sagrado no "Manual de Orações" se dá pela amplitude da descrição e instrução em detalhes do comportamento do soldado católico no front de batalha e para que o mesmo, diante da morte, soubesse se comportar e alcançar a salvação de sua alma.

Encontrei diversos outros exemplos de soldados brasileiros que possuíam o "Manual de Orações" entre seus pertences, na relação de bens<sup>14</sup> que deveriam ser enviados para a família depois de sua morte. Pode-se dar como exemplo o caso do terceiro sargento Francisco Lopes, de Ouro Preto, que morreu em Bombiana aos 22 anos, metralhado e que tinha entre seus pertences um "Manual de Orações".

O mais velho do grupo, Osmar Claro com 33 anos, primeiro sargento, morto por um estilhaço de granada que o feriu mortalmente no crânio, carregava um manual de orações; ele também era de Minas Gerais, da cidade de Juiz de Fora, mas residia em Caçapava em São Paulo. Dos 6 soldados com o "Manual de Oração do Soldado Brasileiro", 3 eram naturais de Minas Gerais, 2 do Rio de Janeiro e 1 de São Paulo.

<sup>12</sup> CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2002, p. 34.

<sup>13</sup> MCCANN, Frank. *Os soldados da pátria: História do exército brasileiro (1889-1937)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 321.

<sup>14</sup> Foram analisados como fontes os Inventários de bens dos soldados mortos. Esses documentos descrevem os pertences que os indivíduos deixavam na retaguarda e serão comentados adiante.

Nota-se que, além do “Manual de Orações do Soldado Brasileiro”, foi encontrado com outro combatente um Manual de Orações em polonês. Este objeto estava presente nos pertences do soldado Estanislau Wojcik, de Araucária, no Paraná. Sua morte, um tiro que acertou sua testa em Gaggio Montano em 31 de janeiro de 1945, foi descrita no relatório dos mortos da FEB. Pertencente à colônia de Tomas Coelho, a devoção às orações católicas na língua materna, no caso o polonês, era comum entre os imigrantes.

Outros países também possuíam Manuais de Orações feitos especificamente para os soldados durante a Segunda Guerra Mundial. Podem ser citados como exemplos o Livro de Oração Canadense, o Livro de Oração do Soldado Católico Norte-americano, o Livro de Orações Judaicas do Exército dos Estados Unidos e o livro de Orações Católicas dos soldados alemães<sup>15</sup>. Entre os norte-americanos havia um cartão de oração de emergência em caso de perigo de morrer. Tratam-se de duas páginas com um roteiro a ser seguido pelo soldado e que buscava sintetizar o necessário num caso de acerto de contas com o espiritual na possibilidade de uma morte iminente. São 14 itens que terminam com um ato de contrição.

As diversas orações distribuídas tinham tamanha demanda que, segundo o historiador Michael Snape, em julho de 1944 foi solicitado pelos próprios soldados novos cartões, em uma segunda edição desse folheto<sup>16</sup>.

Não só durante a Segunda Guerra esses textos religiosos eram comuns. Na Primeira Guerra Mundial esses cartões de oração eram bastante populares. Entre 1914 e 1918 cerca de 200 mil<sup>17</sup> foram distribuídos entre os soldados britânicos. Essa impressão de toda a literatura religiosa no front britânico era coordenada pela YMCA (Young Men’s Christian Association), que também ficava responsável pela distribuição do Novo Testamento<sup>18</sup>.

As possibilidades de análise dessas publicações são inúmeras e revelam as relações da instituição religiosa e das forças armadas de cada um desses países durante a guerra. No livro canadense, existe a oração pelo rei, no norte-americano as dispensas dos militares católicos em determinadas liturgias e o cumprimento de outras, no alemão as orações iniciais são para o Führer, o povo e as Forças Armadas nessa ordem. No brasileiro, como já comentado, existia a Oração à Caxias.

Ainda que a historiografia não tenha enfatizado a questão religiosa entre soldados alemães durante a Segunda Guerra Mundial, percebe-se que este aspecto era presente no front. Seguindo outros manuais de orações de

---

<sup>15</sup> Temática instigante, a questão da capelania militar e os exércitos merece pesquisas mais aprofundadas não sendo o objetivo do presente trabalho. A presença de soldados da religião muçulmana, por exemplo, forçou a criação da capelania para essa parcela do Corpo Expedicionário Francês. Mesmo assim, a capelania muçulmana foi criada apenas em fevereiro de 1943 e com limitação de atuação ligada com o término da guerra. Sobre o assunto ver CAPDEVILLE, L. & VOLDMAN, D. *War dead: Western Societies and the Casualties of War*, Edimburgh: Edimburgh University Press, 2006, pp. 132-133.

<sup>16</sup> SNAPE, Op. Cit., p. 52.

<sup>17</sup> Id. Ibidem, p. 233.

<sup>18</sup> Id. Ibidem, p. 232.

soldados, o manual alemão de 1939 também possui as obrigações do soldado, orações como Pai-Nosso e Ave-Maria. E no final a Oração para o Führer (o "guia"), o Povo e a Wehrmacht.

Os manuais tinham a intenção de propagar práticas e comportamentos condizentes com o catecismo da Igreja Católica em relação às devoções e posicionamentos do indivíduo diante da possibilidade da morte. Todo esse esforço tinha por objetivo a salvação da alma do fiel/soldado.

Entretanto, nem sempre tais livros ou mesmo objetos religiosos foram utilizados com essa finalidade. Muitos serviam mais como amuletos de proteção do que como ensinamentos. Outros objetos religiosos também foram assim apropriados pelos soldados no front.

### **Objetos devocionais e a morte na guerra**

Ainda que populares, os manuais não eram os únicos objetos devocionais carregados pelos soldados e que se relacionavam à busca por uma boa morte. No caso dos brasileiros, destacam-se o crucifixo, rosários ou terços, a imagem de Nossa Senhora, dentre outros.

O maior símbolo da iconografia cristã<sup>19</sup>, o crucifixo era carregado como amuleto religioso por soldados protestantes e católicos<sup>20</sup>. A ideia de sacrifício contida na imagem era identificada com o sacrifício dos homens na guerra pelos soldados que portavam tal objeto. As articulações entre a imagem do calvário com o front na Primeira Guerra Mundial também foram constantes. Nesse período e durante toda a Segunda Guerra Mundial, várias descrições de igrejas e locais totalmente destruídos por bombardeios destacavam o fato de que o crucifixo permanecia intacto. Tais relatos incrementavam a mística em torno do objeto que possuía o dom de reforçar a proteção divina para quem o levasse<sup>21</sup>.

O crucifixo, na tradição católica, é a imagem de Jesus morto em sacrifício por amor à humanidade. No front a presença do crucifixo tinha essa função de meditar sobre o sofrimento de Cristo e considerar menor o sofrimento do soldado na guerra. Além disso, portar um crucifixo era coerente de acordo com o "Manual de Orações do Soldado Brasileiro". Um dos rituais de boa morte é o procedimento de oferecer um crucifixo para o moribundo beijar. Essa prática passou a fazer parte da liturgia da Igreja no final do século XIX e significava o perdão necessário para uma passagem tranquila de acordo com esse costume<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> Em seus primórdios, a Igreja Católica hesitava em usar o símbolo do Cristo crucificado era motivo de conflitos internos. A zombaria dos pagãos era constante, só a partir do Século XIII o crucifixo foi colocado no altar das Igrejas. In: Verbete Crucifixo, POEL, Francisco Van der. *Dicionário da Religiosidade Popular*. Curitiba: 2013, p. 275.

<sup>20</sup> SNAPE, Op. Cit., p. 42.

<sup>21</sup> Id. Ibidem, p. 43.

<sup>22</sup> POEL, F. *Dicionário da Religiosidade Popular*, Curitiba: Editora Nossa Cultura, 2013, verbete Crucifixo da Boa Morte, p. 275.

Os registros do Pelotão de Sepultamento (PS) revelam que as orações eram carregadas por 32 homens no momento de suas mortes. O padrão da distribuição das orações encontradas nos corpos é familiar e recorrente. Uma grande maioria de corpos continha apenas uma oração. No oposto extremo, um único indivíduo carregava consigo nada menos do que 13 delas. E um grupo intermediário que carregava de duas a quatro orações.

Outro artefato de fundamental importância para as práticas cristãs, e que foi encontrado entre 23 mortos da FEB, foram os rosários ou terços. Um a cada 39 mortos brasileiros foi encontrado usando um ou mais rosários. Ainda que existam distinções entre ambos<sup>23</sup>, terço e rosário eram usados como sinônimos nos relatórios individuais produzidos pelo Pelotão de Sepultamento. O número mais encontrado foi mesmo o de um único rosário, havendo um caso excepcional de um indivíduo que tinha 13 deles em seu poder quando foi morto.

O caso destoante é do citado José Pessoto Sobrinho, em cujo corpo foram encontrados 13 rosários. Todos os demais mortos possuíam apenas um único rosário quando foram identificados pelos membros do PS. Todos pertenciam à infantaria (com exceção do já citado José Pessoto Sobrinho) e foram mortos em combate como resultado da ação inimiga (com exceção, novamente, de Pessoto Sobrinho e do cabo Eliseu Pinhal, morto aos 23 anos de idade em um acidente de veículo na localidade de Barga).

Também encontrei nos relatórios o registro de um soldado que carregava o Novo Testamento no momento de sua morte. Comum entre os protestantes, ter a Bíblia ou parte dela como "amuleto" foi popular em diversos exércitos durante a Segunda Guerra Mundial.

O historiador britânico Michael Snape<sup>24</sup> demonstra como a Bíblia foi, tanto na Primeira como na Segunda Guerra Mundial, o objeto mais respeitado entre soldados britânicos. Considerado um objeto "santo", era uma prática recorrente entre os combatentes levar uma Bíblia ou apenas um Novo Testamento durante as ações, por conta de suas propriedades mágicas<sup>25</sup>.

A religiosidade e o sentimentalismo se misturavam nessa prática. Por vezes a Bíblia ou o Novo Testamento eram presentes da mãe, da avó, da noiva. A relação de proteção do objeto que era "sagrado" acabava agregando a recordação da família e o retorno do soldado à condição de indivíduo.

Diversos foram os relatos de capelães sobre os poderes mágicos de livramento de morte proporcionados pela presença física de uma Bíblia entre os soldados. Neste trecho, um evento em Gallipoli é exemplar nesse sentido:

---

<sup>23</sup> Deve-se atentar para o fato de que o terço consiste em um colar com cinquenta contas para rezar ave-marias e cinco para pai-nossos, ao passo que o rosário possui cento e cinquenta contas para as ave-marias e quinze para pai-nossos. OLIVEIRA, Paola Lins. Circulação, usos sociais e sentidos sagrados dos terços católicos, *Revista Religião e sociedade*. vol. 29. n. 2, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872009000200005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872009000200005&script=sci_arttext).

<sup>24</sup> SNAPE, Op. Cit..

<sup>25</sup> Id. Ibidem, p. 32.

Uma bala turca tinha lavrado o seu caminho para a direita através do livro, mas não chegou a atingir seu lado. Ele me mostrou a bala, e onde ela tinha se alojado inofensivamente dentro de seu cinto. Sentia-se, disse ele, como se tivesse sido atingido por um martelo; Ele foi, no entanto, só 'fôlego' para o momento. Não há dúvida de que o Testamento salvou sua vida<sup>26</sup>.

Mais comum em protestantes do que entre católicos, o Novo Testamento foi encontrado no cadáver de 1 dos 3 mortos não católicos da FEB. Embora no seu relatório individual não conste a Bíblia ou o Novo Testamento, com a exceção de um caso, os outros possuíam esses livros como pode ser comprovado pelo seu inventário de bens.

Simplício Lara, morto em 26 de abril de 1945 por conta de um ferimento no abdômen, portava um exemplar do Novo Testamento no rol de seus pertences coletados pelo PS. No campo "religião" do formulário, consta que Simplício, natural de São João do Triunfo no Paraná, era protestante, assim como o soldado Dionísio Chagas, morto em 29 de novembro de 1944 em Monte Castelo. O terceiro não católico era Eliakim Batista, morto em 12 de dezembro de 1944 em Monte Castelo. Junto ao seu relatório individual encontra-se mais um documento, uma declaração enfatizando que o soldado o soldado morto pertencia ao Credo Evangélico.

A tradição de ler a Bíblia por parte dos protestantes e evangélicos já foi amplamente interpretada pela historiografia<sup>27</sup>, e este costume estendia-se aos soldados na frente de batalha. Entre 1914 e 1918 cerca de 40 milhões de Bíblias, Novo Testamento e Manuais de Oração foram distribuídos entre os soldados. Em muitos casos, tais publicações eram enviadas como *souvenirs* para casa pelos mesmos, mas a grande maioria mantinha tais objetos consigo, tanto pela sua religiosidade como pelo fator do mesmo possuir o valor simbólico de talismã<sup>28</sup>.

Entre os pastores protestantes britânicos, diversas discussões surgiram a partir da prática de portar simplesmente a Bíblia como um "amuleto", principalmente durante a Segunda Guerra Mundial. Para os padres católicos, tal costume não significava uma afronta a fé. Outra preocupação, segundo documentação pesquisada por Snape<sup>29</sup>, era a condenação do uso aleatório em relação à Bíblia, como ler qualquer página aberta a esmo. Muitos capelães entendiam que essa prática conotava uma superstição que afrontava os ensinamentos teológicos que esse livro sagrado possuía.

Portar o Novo Testamento era algo comum entre muitos soldados, e alguns faziam desse livro um espaço de diário de suas memórias no front. Foi o

<sup>26</sup> "A Turkish bullet had ploughed its way right through the book, but did not quite reach his side. He showed me the bullet, and where it had lodged harmlessly inside his belt. He felt, he said, as if he had been struck by a sledge-hammer; he was, however, only 'winded' for the moment. There is no doubt that the Testament saved his life" In: SNAPE, Op. Cit., p. 33.

<sup>27</sup> BURKE, P. & BRIGGS, A. *História da Mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 82.

<sup>28</sup> SNAPE, Op. Cit., p. 234.

<sup>29</sup> Id. *Ibidem*, p. 33.

caso de um soldado britânico<sup>30</sup> encontrado morto com uma Bíblia aberta e grifos de cor azul e vermelha em diversas passagens da mesma.

Transformações na relação das instituições religiosas com a guerra são percebidas quando a Primeira e a Segunda Guerra Mundial são comparadas. Em contraste com o comum radicalismo de representantes das igrejas entre 1914 e 1918, nos eventos de 1939 a 1945 as instituições religiosas abdicaram de muitos de seus preceitos em prol do pragmatismo em tempos de guerra. A função da capelanía militar na Segunda Guerra Mundial, por exemplo, passou a ter o caráter de aproximar os oficiais-capelães dos soldados. Para que isto ocorresse, a convivência dos mesmos com a tropa foi intensificada e a camaradagem esmagou a figura condenatória do confessor.

As devoções individuais e as crenças religiosas dos combatentes não se limitam às amostras de seus objetos no front. Outra fonte muito importante, e igualmente gerada pelo Pelotão de Sepultamento, foi o Inventário de Objetos do soldado morto.

Nestes inventários podemos articular as informações dos objetos que os soldados carregavam na hora de sua morte, com os outros que possuíam embora não estivessem consigo neste momento, mas que exemplificam sua religiosidade. Tais documentos demonstram como esta ligação com o universo religioso era forte. Mesmo no caso de soldados mortos que não carregavam nenhum item no momento da morte, a relação de pertences que posteriormente foi enviada aos familiares do indivíduo era composta por diversos livros religiosos, orações, estatuetas de santos, etc.

O soldado João Florindo Zanetti exemplifica esta situação. Embora nada tenha sido encontrado em seu cadáver no dia de sua morte, causada por estilhaços de granada em 30 de março de 1945, na listagem de objetos que foram remetidos à família constava quatro medalhas religiosas, um livro "Os Santos Evangelhos" e uma "Encíclica Rerum Novarum".

Outro soldado, João Rochocosky, também morto em combate, em 10 de dezembro de 1944, provavelmente durante uma patrulha de reconhecimento, não teve nada encontrado em seu cadáver. Seu inventário de objetos, porém, nos mostra que ele possuía um catecismo, além de uma lembrança de "Páscoa dos Militares".

Como estes dois, outros tantos soldados mantinham em seus pertences dezenas de objetos religiosos. Como Mario Nardeli, também morto no ataque de Monte Castelo e que possuía um "Resumo da Doutrina Cristã", um livro "Os Santos Evangelhos Católicos" e medalhas religiosas.

---

<sup>30</sup> Id. Ibidem, p. 235.

## Conclusões

As devoções populares, tão comuns no Brasil, onde a presença da instituição da Igreja Católica era insuficiente para garantir atendimento a todas as carências da população, incentivou o chamado "catolicismo santorial"<sup>31</sup>. Ao chegar à Itália, onde se localizava a sede da Igreja Católica, a busca pelos objetos religiosos, principalmente santos, era comum entre os soldados. A grande maioria, durante as suas folgas, fez intenso turismo religioso, ganhando ou comprando imagens, orações, livros, etc.

Não só brasileiros. Também soldados irlandeses que lutaram na frente italiana realizaram diversas peregrinações em igrejas famosas e visitaram Roma e o Papa<sup>32</sup>. Na sede do catolicismo, a religiosidade pré-existente foi intensificada tanto pela proximidade com as relíquias, locais de peregrinação e arquitetura religiosa, como pelo medo da morte e a crença na salvação por intermédio da exteriorização dessa fé.

Na Segunda Guerra Mundial, as crenças religiosas eram parte importante da dimensão pessoal dessa parcela da sociedade que constituiu a FEB. Na tropa o número de militares profissionais sempre foi muito menor do que de os civis convocados. Nessas condições, a vida religiosa contemporânea do homem comum, levando em consideração as ressalvas já feitas, influenciou os comportamentos das duas instituições.

Com a Proclamação da República em 1889 e a separação entre Igreja e Estado, a capelania militar é extinta. Ela retorna apenas com a criação da FEB. O trabalho desses capelães na linha de frente com a distribuição de material e literatura religiosa estimulou as religiosidades já existentes desses soldados. Mesmo com o fim da guerra e até os dias de hoje, capelanias militares<sup>33</sup> existem e continuam com suas práticas de incentivo à religiosidade do soldado.

No que se refere à Igreja é perceptível que a liturgia oficial, mesmo empoderada com os clérigos que tinham posto de Oficial, teve de se transformar no sentido de atender às demandas, práticas e crenças populares. Isso é particularmente visível no que se refere à postura da Igreja no tratamento para com as devoções individuais.

Como parte desse universo, o estudo sobre as religiosidades e os comportamentos diante da morte na guerra, encontram na análise do "Manual de Orações de Soldado Brasileiro" uma valiosa fonte de reflexão.

## Sobre a autora

Adriane Piovezan possui graduação em História pela UFPR (1997), é mestre em Estudos Literários pela UFPR (2006) e Doutora em História pela UFPR (2014).

---

<sup>31</sup> CAMARGO, Cândido Procópio F. de. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 24.

<sup>32</sup> SNAPE, Op. Cit., p. 232.

<sup>33</sup> Em 2012, as tropas brasileiras de Ocupação de Paz da ONU, em missão no Haiti, levaram o Ofício da Imaculada como material religioso.



Atualmente dedica-se aos estudos das atitudes diante da morte na guerra, a partir da questão da religiosidade dos soldados. Contatos pelo Facebook: <https://www.facebook.com/adriane.piovezan>

*Artigo recebido em 14 de novembro de 2014.  
Aprovado em 02 de janeiro de 2015.*